

Lula estimula debate sobre política econômica

Governo se divide e o grupo de ministros que critica a condução feita por Palocci já é chamado de 'os inquietos'

Gerson Camarotti

• BRASÍLIA. Uma guerra surda está sendo travada e divide a equipe ministerial na Esplanada. Enquanto o governo Lula e seus ministros têm dado demonstrações públicas de unidade em relação à defesa da política econômica, internamente a condução do atual modelo nunca foi tão questionada como nos últimos meses. As maiores críticas estão concentradas na política de juros, no endividamento público e, mais recentemente, no acordo com o FMI. Nas reuniões ministeriais, esse é um tema cada vez mais recorrente, deixando na berlinda o ministro da Fazenda, Antonio Palocci.

Mas, diferentemente do que se poderia imaginar, as discussões sobre a política econômica são estimuladas pelo próprio presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que, segundo interlocutores, já demonstra certa inquietação, mesmo com os indicadores econômicos positivos mais recentes.

O grupo de ministros que confronta a política de Palocci já começa a se destacar nas reuniões do primeiro escalão. Entre os mais aprensivos estão Jaques Wagner, do Trabalho; Dilma Rousseff, das Minas e Energia; e Ciro Gomes, da Integração Nacional. De forma mais discreta, também costumam manifestar preocupação os ministros Ricardo Berzoini, da Previdência, e Marina Silva, do Meio Ambiente.

Do outro lado, a defesa de Palocci não é solitária. Normalmente, conta com manifestações de apoio do ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, e eventualmente do ministro do Desenvolvimento, Luiz Fernando Furlan.

A divisão no governo é uma espécie de reedição da antiga disputa na gestão Fernando Henrique Cardoso entre os monetaristas e os desenvolvimentistas. Mas os próprios ministros que fazem restrições à política econômica rejeitam esse rótulo. Internamente, esse grupo já começa a ser chamado de "os inquietos".

— Não se fala em Plano B. O que queremos é um salto de qualidade sem ruptura — explica um integrante do grupo dos inquietos.

Mas até mesmo dentro da equipe econômica já começa a haver divergências. O caso mais recente aconteceu na fixação da atual taxa de juros. Pressionado pelo próprio governo, Palocci passou a defender a queda dos juros para 18,5%. O presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, insistia em baixar apenas um ponto, deixando a taxa em 19%.

Meirelles convenceu Lula

• Sabendo do impasse, o presidente Lula resolveu chamar os dois para uma conversa no Palácio da Alvorada, com o objetivo de formar sua opinião. Palocci já incorporava a visão do grupo dos inquietos de que era necessário um pouco mais de ousadia para derrubar os juros.

Mas acabou prevalecendo a posição mais conservadora de Meirelles.

— Presidente, faça o que o senhor mandar. Agora, se eu reduzir a taxa para 19%, a decisão passa por unanimidade no Copom. Mas se for uma redução que chegue a 18,5%, haverá posições contrárias na reunião do Comitê de Política Monetária. Isso ficará registrado em ata. E, para o mercado, passará a idéia de

que há divergência interna. Isso seria um sinal negativo — disse Meirelles, convencendo Lula.

O que se discute não é uma guinada radical para uma política desenvolvimentista. Mas o argumento usado pelos ministros é que, depois de dez meses de governo, a política econômica já adquiriu credibilidade suficiente para impor algumas mudanças mais significati-

vas. Três são os pontos defendidos pelo grupo dos inquietos: redução mais acentuada dos juros, até porque a taxa de juros reais ainda está muito elevada, em 10,7%; diminuição dos gastos do setor público com juros, que este ano devem chegar a R\$ 153,9 bilhões; e uma mudança no perfil da dívida.

Essa mudança seria uma espécie de alongamento negociado, como propôs o mi-

nistro Ciro Gomes durante as eleições de 2002. O próprio Ciro é um dos que mantém a defesa dessa tese. Mas nega-se a falar publicamente sobre o tema. Quando perguntado, recorre a uma resposta padrão de que o que tinha para falar já disse durante a campanha.

— As minhas opiniões são para os ouvidos do presidente e para os dos meus colegas de Ministério — diz Ciro.

Internamente, Jaques Wagner também tem tido posições críticas. Em todas as pesquisas, o desemprego aparece como o principal problema do governo.

— Não existe fórmula mágica. Afinal, não há crescimento na taxa de emprego se não existe crescimento econômico — diz Wagner.

Inquietos cobram empregos

• Cada vez mais incisivos, os inquietos cobram uma política mais clara de desenvolvimento e crescimento econômico para a geração de empregos. Esse grupo costuma alertar também para a possibilidade de colapso na infraestrutura do país. Como exemplo, costuma citar a Bolívia, que está desestruturada. Esses argumentos também são defendidos em conversas internas do governo pelo presidente do BNDES, Carlos Lessa, e pelo líder do governo no Senado, Aloizio Mercadante (PT-SP), além do

secretário de Economia Solidária do Ministério do Trabalho, Paul Singer.

Em diálogos reservados com o presidente, o próprio chefe da Casa Civil, José Dirceu, reforça esses argumentos ao manifestar certa preocupação. O grande temor dos inquietos é com a possibilidade de Antonio Palocci ficar refém da equipe econômica, já que muitos

dos atuais técnicos são herdeiros diretos da política monetarista do ex-

ministro da Fazenda Pedro Malan. — São técnicos que só enxergam números. Por isso, é preciso dar um direcionamento político às decisões — diz um assessor palaciano.

Até mesmo no PT já há um debate interno intenso sobre a necessidade de uma virada na política econômica. No partido, também já começa a existir uma inquietação, que aparece nas discussões internas.

— O governo foi vitorioso nesses dez meses. Nós vencemos o mais difícil. Agora, temos que ter uma agenda positiva, cujo eixo é recuperar o crescimento econômico — diz o presidente do PT, José Genoino.

O próprio Palocci ouviu boa parte desses questionamentos durante o jantar com a bancada do PT na noite da última quarta-feira, quando esteve na residência do presidente da Câmara, deputado João Paulo Cunha (PT-SP).

Depois de defender o acordo com o FMI que acabara de anunciar e a política econômica, Palocci foi criticado por causa do elevado gasto com juros.

— Essa é a nossa dívida. O que podemos fazer? Estamos devendo quase R\$ 1 trilhão. Podemos deixar a dívida crescer, mas tenho a teoria de que iríamos nos dar mal. A política econômica é uma questão de opção política, e estamos cada vez mais confiantes. Pode ser que, lá na frente, dê errado, o que eu não acredito. Hoje, essa é uma crítica superada — disse Palocci para a bancada de deputados petistas. ■

Marco Antônio Cavalcanti/19-9-2003



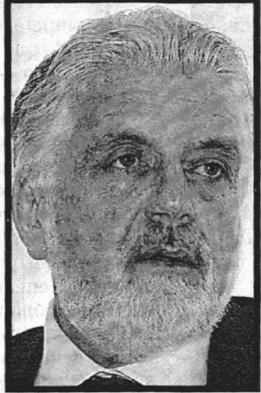
DILMA: discussão com equipe

Roberto Stuckert Filho/16-9-2003



CIRO não fala sobre o tema

Givaldo Barbosa/23-7-2003



WAGNER: posição crítica

Givaldo Barbosa/17-7-2003



BERZOINI: questionamentos

LULA: o

presidente não estaria tentando conter a discussão sobre mudanças na política econômica

Gustavo Miranda/3-2-2003



Agência Brasil/24-10-2003



PALOCCI: discussão no jantar

EFE/14-7-2003



FURLAN: defesa da política

Roberto Stuckert Filho/6-2-2003



RODRIGUES: apoio a Palocci

Givaldo Barbosa/19-2-2003



MEIRELLES: sinal negativo